

História Crítica da Literatura Portuguesa. O Romantismo. (Carlos Reis e Maria da Natividade Pires, Lisboa, Verbo, 1993, Vol. V, 363 pp.)

1. A *História Crítica da Literatura Portuguesa* é um projecto que agora se começa a concretizar, cuja coordenação global é da responsabilidade de Carlos Reis e que pretende fazer de forma crítica, como o título indica, o estudo da evolução da Literatura Portuguesa nos oito séculos que conta. Escritores, gerações, períodos e movimentos literários constituem o objecto desse estudo que aparece ilustrado com testemunhos críticos que foram surgindo ao longo dos tempos.

O volume V, dedicado ao Romantismo, é, dos nove projectados, o primeiro a vir a lume. Os outros oito títulos que se seguirão compreendem outras áreas periodológicas: *Idade Média; Humanismo e Renascimento; Maneirismo e Barroco; Neoclassicismo e Pré-Romantismo; Realismo e Naturalismo; Do fim-de-século ao Modernismo; Modernismo e Neo-Realismo e Surrealismo.*

Cada volume consta de um conjunto de capítulos que obedecem sempre à mesma estrutura. A uma *introdução* ao período, geração, autor ou tema estudado que, para além da síntese histórico-literária, remete para estudos em que as questões levantadas são alvo de uma reflexão mais profunda, segue-se uma considerável *bibliografia passiva* o mais actualizada possível. Cada capítulo compreende ainda dois importantes blocos: um conjunto de *textos doutrinários* cronologicamente ordenados, da autoria do escritor que é objecto do capítulo ou de autores representativos de uma determinada época ou geração literárias; e um conjunto de textos críticos,

ordenados tematicamente, da autoria de diversos estudiosos que em diversos tempos se debruçaram sobre o autor, período ou geração literária estudados.

A originalidade desta obra relativamente às Histórias da Literatura convencionais reside sobretudo na sua capacidade de propiciar ao estudante de Literatura, de nível pré-universitário ou universitário, um conhecimento da Literatura Portuguesa, a partir do conjunto de vários discursos críticos enunciados sob diferentes perspectivas, daqui decorrendo, como é dito na Apresentação, "uma saudável (embora por vezes complexa e até controversa) polifonia de vozes críticas que estimulará o leitor-estudante a enunciar o seu próprio discurso crítico, fazendo-o não forçosamente *contra* os restantes, mas a *partir* ou *em função* das pistas de reflexão que eles possam sugerir" (p. 7).

2. Neste volume, em particular, encontramos um estudo da génese e evolução do Romantismo Português, estudo esse que se desenrola ao longo de oito capítulos, que obedecem à estrutura acima descrita.

O capítulo de abertura incide fundamentalmente sobre a questão da transição do Neoclassicismo para o Romantismo, o papel desempenhado pelo fenómeno do exílio na formação do Romantismo português e os temas e valores, de feição ideológica liberal, que informaram os românticos da primeira geração.

A concepção garrettiana do Romantismo e o modo como em Almeida Garrett a vivência sentimental, cultural e política parece encarnar os temas e as atitudes românticas representadas nos textos literários constitui a preocupação central do segundo capítulo, havendo aí ainda lugar para discursos críticos sobre algumas obras deste escritor romântico.

São vários, aliás, os capítulos que se constroem à volta de personalidades

literárias que, de uma forma ou de outra e em fases diferentes, se encontram indissociavelmente ligadas ao movimento em foco: Alexandre Herculano e o seu contributo para o Romantismo historicista; Camilo Castelo Branco e a sua postura ambígua em relação ao Romantismo, tratando-se, de facto, de um escritor que ora se revela tributário da estética romântica ora dela se distancia ao ponto de a caricaturar; Antero de Quental, dinamizador da terceira geração romântica, e o seu combate pela defesa do princípio da independência artística, articulado com a dimensão pedagógica e reformista da acção do escritor.

Destaque-se ainda o espaço consagrado ao estudo do teatro — que nesta época se revestia de grande importância no quadro da vida social e política — assinalando-se aí uma certa evolução do teatro romântico sob a égide de Garrett e Herculano e o que daí adveio no sentido da transformação do gosto e da mentalidade do público.

Não menos importante é também a reflexão aqui registada sobre a degenerescência dos temas, valores e formas literárias que, em tempo romântico e à sombra do magistério de Castilho, resultou no subperíodo conhecido por Ultra-Romantismo ou segunda geração romântica e a consequente superação

desta fase que acontece no decurso natural da evolução do Romantismo português e cujo momento determinante, onde se manifestam conflitos e divergências anteriormente em ebulição, é a Questão Coimbrã, questão amplamente exposta, explicitada e fundamentada no penúltimo capítulo desta obra.

3. Não obstante o que se diz na Apresentação (toda a escolha é limitativa e mutilante) pensamos, seguramente, que a articulação das vozes críticas escolhidas com as vozes doutrinárias, com a vasta bibliografia indicada e, sobretudo, com as vozes dos autores nas diversas Introduções — onde se conjugam magistralmente o apontamento biográfico, o histórico e o ensaístico —, essa articulação conjugada de vozes, dizíamos, e a abertura a outras, implícitas, faz desta uma obra de referência obrigatória, dirigida em primeira instância a um público que tenda a especializar-se, mas aberta também a qualquer pessoa que deseje documentar-se sobre as questões aqui debatidas.

Dito isto, resta-nos aguardar, e esperar que não tardem, os restantes volumes da *História Crítica da Literatura Portuguesa*. ■

Vivina de Campos Figueiredo
Universidade Aberta